

REPRESENTAÇÕES DO HUMANO NOS ESPAÇOS POÉTICOS DE *LÁ NO MAR*: UM CONTO DE LYGIA BOJUNGA

Keula Aparecida de Lima Santos (PPGLET/UFU)

Keulalima@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o conto *Lá no mar*, de Lygia Bojunga, focalizando principalmente as representações do barco e do mar como espaços-personagens da narrativa, seres humanizados que proporcionam um grande mergulho na alma humana e revelam sentimentos de medo, solidão, saudade e amizade, além de mostrar como esses sentimentos afetam as relações humanas. O conto é envolto por uma atmosfera fantástica a qual se manifesta especialmente na antropomorfização do barco e do mar. Contudo, ainda que esses dois elementos atuem como personagens, ao mesmo tempo, eles se configuram como espaços dentro dos quais se desenrolam as ações mais significativas da narrativa. Pretende-se, portanto, analisar a importância desses espaços como fenômenos geradores de sentidos e principais responsáveis pela irrupção do fantástico. Para amparar a análise do conto, este estudo contará com as contribuições teóricas de Gaston Bachelard sobre a poética do espaço, a noção de espaço liso e estriado de Deleuze e Guattari e o conceito de heterotopia de Michel Foucault. Também serão considerados os estudos de Gustav Jung e Gaston Bachelard no que se refere à simbologia da água e às representações do mar e do barco no inconsciente coletivo, recorrendo a conceitos como arquétipo, símbolo, mito e imagem poética. Ambos os autores destacam a importância desses conceitos tomados da psicologia como ponte para um diálogo com a literatura.

Palavras-chave: Barco; Mar; Espaço.

A organização do espaço nas narrativas ficcionais é de fundamental importância para o processo do fazer literário e para a construção dos sentidos na narrativa. O espaço não atua somente como pano de fundo para as ações dos personagens, mas contribui para uma profunda reflexão sobre o homem e a maneira como ele percebe o mundo. A percepção do espaço e a influência que ele exerce na experiência humana, ainda que de maneira inconsciente, são questões fundamentais para se pensar a própria concepção de sujeito. Portanto, os elementos espaciais são essenciais para se pensar as diversas possibilidades de sentido em uma narrativa literária.

Em seu livro *A poética do espaço* (1989), o filósofo Gaston Bachelard discute sobre os valores dos espaços que ele considera os preferidos do homem: aqueles relacionados à intimidade. Bachelard nos mostra a natureza poética que existe na casa, no sótão, no porão, em uma simples gaveta, um cofre, um armário. Em todos esses lugares pode-se encontrar poesia, desde as miniaturas até a imensidão íntima do ser que também se configura como espaço.

Ainda em *A poética do espaço*, Bachelard afirma que todo espaço habitado traz consigo a noção de casa. Esta é como o primeiro mundo do ser humano e está relacionada a uma ideia de abrigo e proteção sem a qual o homem seria um ser disperso. Em *Lá no mar*, é possível pensar essa imensidão interior citada por Bachelard a partir da imagem do Barco. Trata-se da imagem do ser, do humano, revelado na figura do barco que, ao mesmo tempo em que é personagem, é também espaço. O Barco constitui-se pela confluência de duas categorias espaciais. Por um lado, é a casa, o pequeno refúgio no qual o pescador se sente seguro e protegido. Por outro, é espaço interior, é um ser humanizado e, portanto, consciente do mundo externo e da sua própria existência nele. É o espaço da alma humana na qual se revelam sentimentos de medo, solidão, saudade e amizade.

O Pescador, sem família e sem outros amigos, constrói o seu próprio Barco e faz desse espaço o seu lar, sua família e seu amigo. Sua identidade se constitui a partir da relação que estabelece com seu Barco e com seu ofício. Ofício este que integra de tal forma a essência desse Pescador que se torna um nome próprio. No mesmo sentido, a palavra Barco surge em letras maiúsculas, designando não o nome de um objeto, mas um nome próprio. A intimidade e a cumplicidade compartilhadas pelos dois amigos são tão intensas que eles se confundem.

O Barco escutava. E tanto escutou e tanto ano passou, que ele foi tendo a impressão de que era com *ele* que tudo tinha acontecido; que era ele que contava aquilo pro Pescador. O Pescador, a mesma coisa: se habituou a achar que o Barco e ele eram um só. (BOJUNGA, 2011, p.116)

No trecho acima, por meio da prosopopeia - recurso em que se dá vida e sentimentos a seres usualmente tidos como inanimados - o Barco é dotado de capacidades propriamente humanas como “escutar”, “ter a impressão” e “contar”. Como qualquer ser humano, ele se alegra, entristece, sente medo e agonia. Ao perceber que o Pescador está partindo, o Barco se sente angustiado por não ter um braço para puxar o amigo. E na sua dor por não ser fisicamente humano, é que ele revela toda sua humanidade. O medo, a tristeza, o sentimento de perda e de impotência diante do inevitável, diante da certeza da morte são o que fazem desse Barco a mais pura representação do humano.

Tudo parecia parado. Só um fiozinho parado. Só um fiozinho d'água escorrendo, escorrendo, escorrendo lá no Barco (justo onde a mão do Pescador tinha se agarrado).

Podia parecer que era um restinho de chuva que tinha se atrasado no caminho.

Podia parecer que era respingo do mar.

Podia até parecer que era o orvalho. (BOJUNGA, 2011, p.120)

Nessa passagem, a narrativa aproxima as imagens da chuva, do respingo do mar e do orvalho à imagem das lágrimas. Essa analogia reforça o caráter poético da narrativa e o poder artístico da palavra de resignificar o mundo e criar novas realidades. Pois, o que podia parecer um restinho de chuva, respingo do mar, ou até orvalho, também podia parecer lágrimas de um ser que apenas não possui forma física humana, mas que guarda consigo a essência do que é humano.

Em meio a um ambiente de angústia e solidão, é possível entrever um ser atormentado pelo tipo de medo mais humano: o medo da morte. Tal medo só se materializa porque existe nesse Barco a profunda consciência da morte que apenas os seres humanos possuem. Segundo Lovecraft (1987, p.1), “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.” A morte representa exatamente esse território do desconhecido que causa tanta angústia.

Nesse cenário, o mar surge como representação de um espaço cheio de imprecisões e de incertezas. Para Deleuze e Guatarri (1997), o mar é o espaço liso por excelência, pois não há limites e contornos, não há centro nem bordas. Os pontos de referência são movediços. O espaço liso corresponde a uma superfície composta por elementos heterogêneos, por percursos emaranhados que podem expandir-se em várias direções.

Michel Foucault (2001) também nos chama a atenção sobre o barco ao tratar do conceito de heterotopia o qual se aproxima da noção de espaço liso de Deleuze e Guatarri. Conforme Foucault, as heterotopias são lugares reais, efetivamente localizáveis, mas que estão fora de todos os lugares; são espaços fragmentados e pluriformes que tem o poder de justapor em um só lugar vários espaços incompatíveis. Nesse sentido, o barco é a heterotopia por excelência.

No conto de Lygia Bojunga, o Barco guarda consigo um pouco de todas as histórias e lugares pelos quais passou. Trate-se do espaço onde se torna possível a justaposição de mundos diferentes. O mar - espaço que também é liso, heterotópico e fragmentado - vai ditando os rumos dessa jornada imprecisa.

A forma como as espacialidades literárias se constituem ressalta a importância que esses elementos possuem para construção de sentidos na narrativa. Em *Lá no mar*, a

constituição de espaços, os quais podem ser tomados também como personagens, se torna essencial para a irrupção do fantástico. Ao tratar dos procedimentos formais e sistemáticos do fantástico, Remo Ceserani (2006) destaca a representação de espaços de fronteira e de limite como característica da narrativa fantástica. No conto, tanto o mar como o Barco se encontram neste estado de espaço sem fronteira no qual nada se fixa e onde as noções de real e irreal se fundem dando lugar ao inexplicável. Por outro lado, o fato de tais espaços também se qualificarem como personagens, reforça o caráter fantástico da narrativa no que se refere a romper os limites da realidade e atravessar outras dimensões.

Para entender esse lugar do mar, também é possível recorrer a alguns conceitos propostos por Gustav Jung (2008). O autor afirma que a psicologia é uma ciência da alma e esta é o centro de toda ciência e de toda criação artística. Sendo assim, as ciências da alma podem contribuir para o estudo da estrutura psicológica de uma obra artística e as circunstâncias psicológicas daquele que a cria. Desse modo, a poesia, por ser um fenômeno psíquico, possui uma grande força simbólica e arquetípica.

No que se refere aos arquétipos e o inconsciente coletivo, Jung (2008) determina que nosso inconsciente se manifesta em dois sentidos. Existe nele uma camada superficial que é pessoal. Contudo, há também uma camada mais profunda que não está relacionada com experiências pessoais. Jung a chama de inconsciente coletivo, pois, seu conteúdo é inerente a todo ser humano e não possui natureza individual, mas sim universal. O conteúdo psíquico do inconsciente coletivo não tem origem conhecida, mas se mantêm culturalmente por meio de uma experiência ancestral. São os mesmos em todos os indivíduos e em todas as partes.

Tais conteúdos são chamados por Jung de arquétipos. São representações simbólicas que indicam determinados padrões de comportamentos provocando nas pessoas uma tendência a agir, em certo sentido, de forma coletiva. Referem-se às imagens primordiais e universais que existiram desde os tempos mais remotos e se constituem como uma matriz coletiva a partir das quais cada ser humano constrói sua própria individualidade.

Para Jung, toda a carga de produção simbólica construída pelo homem é resultado das imagens arquetípicas que quando ligadas ao indivíduo por meio da emoção se tornam sua própria vida. Nesse sentido, “os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, por que e de que maneira eles tem significação para um determinado indivíduo vivo” (JUNG, 1964, p.96). Nessa

perspectiva, Jung estabelece vários arquétipos sob os quais construímos nossa individualidade. Algumas das formas pelas quais os arquétipos podem se manifestar são através do mito, dos símbolos, dos contos de fadas ou podem ser transmitidos através de sonhos e visões.

O arquétipo é universal e se constitui como fonte que coordena a estruturação dos símbolos. Estes, porém, são culturais. O símbolo expressa algo além do seu próprio significado imediato, evidente e convencional. Trata-se da representação de conteúdos abstratos, de conceitos ou ideias que não somos capazes de compreender integralmente e por isso criamos uma imagem simbólica para expressar esse conteúdo. Dessa maneira, os símbolos estabelecem relações de significado com algo ausente ou impossível de ser percebido. São determinados pelo seu caráter ambíguo e em razão dessa ambiguidade, nunca os alcançaremos plenamente. Sempre haverá uma fissura entre o símbolo e aquilo a que ele se refere. Uma das formas pela qual o homem produz símbolos são os sonhos. Os sonhos são uma manifestação do inconsciente e por isso um terreno fecundo para analisar a capacidade de simbolização do homem. Nesse sentido, o símbolo pode ser compreendido como parte inerente da condição humana e resultado de um processo de comunicação entre o consciente e o inconsciente e não simplesmente uma criação literária ou cultural.

Fenômeno repleto de construções simbólicas, o mito é apresentado sob a forma de histórias, de narrativas sagradas, portanto, de realidades que relatam um determinado acontecimento. Por meio dele, compreendemos como uma dada realidade passou a existir.

Bachelard, (1990) valoriza a força poética das imagens ao afirmar que ela possui duplo papel: o primeiro é de significar outra coisa, o segundo é fazer sonhar coisas diferentes. A imaginação não é capacidade do homem de criar imagens do real. Ao contrário, a imagem é autônoma e independente e por isso inaugura um novo mundo criando outras realidades. Segundo o filósofo, o poeta pode exercer esse papel inclusive “enlaçando elementos contrários e opostos”, pois a palavra recebe novo significado e cria seu próprio universo dando vida a um mundo além do real que não pode ser explicado pela razão. Sob esse aspecto, a imagem literária aparece como a função mais inovadora da linguagem.

Pela perspectiva do imaginário, a qual põe em evidência as imagens poéticas que emergem do inconsciente coletivo, o conto *Lá no mar* se apresenta como uma narrativa permeada por uma série de relações simbólicas e arquetípicas. A essência da narrativa

revela as questões mais profundas da alma e resgata mundos e imagens de natureza arcaica.

Segundo Jung (2008, p. 29), “a água é o símbolo mais comum do inconsciente”. É símbolo da vida e da morte, ou mais precisamente, da morte da morte porque representa um retorno à origem, ao materno, a natureza. Assim, a água pode referir-se a tribulações e é uma imagem simbólica que retoma os conteúdos desconhecidos do nosso inconsciente os quais muitas vezes ignoramos. Para o estudioso, é importante que nós percorramos o caminho da água, ou seja, das tribulações. Mergulhar nas profundezas do inconsciente e reconhecer em si mesmo a *sombra* que todos nós temos e que muitas vezes ocultamos com a *persona*. É necessário fazer esse mergulho profundo até as partes mais recônditas da própria alma e promover esse encontro com a própria sombra, pois, realizar esse caminho, embora seja um percurso doloroso, consiste em um processo de autoconhecimento que eleva a alma.

No conto de Lygia Bojunga o mar também é humanizado. Ele provoca medo, mas também sente medo e reage como qualquer ser humano ao sentir-se acuado.

... o mar se apavorou: foi ficando todo arrepiado, todo encrespado.
(BOJUNGA, 2011, p.117)

O mar nem quis mais ver: desatou a levantar onda. Uma atrás da outra. Uma mais alta que a outra. Pra ver se uma delas tapava o céu.
(BOJUNGA, 2011, p.117)

Flutuando nessas ondas turbulentas surge a figura do Barco que retoma uma imagem arquetípica arraigada no inconsciente coletivo que é a passagem para a morte. Segundo Bachelard (2002) as imagens literárias que representam o barqueiro são tocadas pelo simbolismo de Caronte, figura mitológica responsável por conduzir as almas dos mortos atravessando-as por águas revoltas até chegar ao Hades. Para Bachelard, os quatro elementos da natureza são a base de todo devaneio poético e a água é o elemento melancólico por excelência, pois, os devaneios da morte e da viagem fúnebre são associados a ela. “Cada um dos elementos tem sua própria dissolução: a terra tem seu pó, o fogo sua fumaça. A água dissolve mais completamente. Ajuda-nos a morrer totalmente.” (BACHELARD, 2002, p.94).

O Barco de *Lá no mar* parece prenunciar desde o primeiro momento o acontecimento trágico que viria em seguida. Por outro lado, também expressa uma atenuante do enfrentamento da morte, pois a última viagem do Pescador é conduzida

por um amigo. O Barco, na sua condição humana, assume o papel do barqueiro que conduz o Pescador ao seu destino final. Nas águas profundas e violentas, no espaço fluido e fugidio do mar, o Pescador se encontra com seu passado e com sua consciência. Pela perspectiva junguiana, o mar é o símbolo do inconsciente e nele repousa um desejo de retorno à origem, ao seio materno. Para o Pescador, esse retorno à sua origem é simbolizado pela figura do pai e do avô que o esperam entre as ondas agitadas do oceano.

Depois de todo o sofrimento, de passar muito tempo flutuando sem rumo nas águas do oceano, enfrentando novas tempestades e calmarias sem nunca se esquecer do Pescador, o Barco chega a desejar que a morte o leve às profundezas das águas onde poderia encontrar-se com seu amigo. Porém é nesse momento que ocorre um encontro que lhe dará um novo sentido à vida: uma nova amizade com um garoto, filho de um pescador. O pobre Barco se renova em energia com a possibilidade de ter novamente alguém pra conversar e fugir da solidão e começa a alegrar-se com a possibilidade de seguir com o Menino para um lugar onde as ondas são mansas. A atitude parece uma tentativa de estriar o espaço liso do mar. De acordo com Deleuze, (1997) o espaço estriado - oposto ao espaço liso - é organizado, delimitado e ordenado. Contudo, esses espaços podem misturar-se de forma que o liso pode em algum momento estriar-se e o estriado pode tornar-se liso. Segundo Deleuze, o mar foi o arquétipo de todas as tentativas de estriar-se o espaço liso e torná-lo mais uniforme. A ânsia do Barco em buscar a tranquilidade de águas mais mansas, de repousar em um mar de ondas brandas pode ser lida como uma tentativa de estriar o espaço liso e torná-lo menos heterogêneo.

O tom, não apenas de *Lá no mar*, mas das outras histórias de *Tchau*, é de amizades, despedidas, descobertas, angústias e medos. Sob uma atmosfera fantástica, essas são as imagens e sentimentos tão intensos que Lygia Bojunga, com tanto vigor poético, nos faz encarar.

O menino desatou a lalalalar de um jeito que o Barco bem sentiu vontade de cantarolar também. E os dois assim, um de olho no outro, lá se foram pelo mar. Aqui e ali vinha uma onda de tristeza e o barco se esquecia do canto pra pensar no Pescador; mas depois ele escutava outra vez o menino e começava a imaginar onde é que eles iam arrumar as tampinhas de cerveja, a cara do gato malhado, a praia lá atrás do morro, as histórias que... puxa, que luz! Quanto sol! Que engraçado que ficava o cabelo do Menino quando o vento batia assim. (BOJUNGA, 2011, p.129)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011.

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad. Nilton Trepadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Trad.: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 7ª edição, 1964.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 6ª edição, 2008.

LOVECRAFT, Howard Phillips. Introdução. In: *O horror sobrenatural na literatura*. Trad. João G. Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987, p. 1-6.